

A fantastical steampunk landscape. In the foreground, a large, dark, multi-tiered airship with a massive, oval-shaped balloon is suspended in the sky. The airship has several windows and a propeller-like structure at the rear. To the left, a floating island is visible, featuring a tall, gothic cathedral with multiple spires and a waterfall cascading down its side. The background is filled with a cloudy sky and a flock of birds flying in the distance. The overall scene is a blend of nature and industrial technology.

Entre As Nuvens

Ademir Pascale
organizador

 
fábrica de
ebooks

Harry

ENTRE AS NUVENS

Ademir Pascale

organização

Amauri Chicarelli - Edmar Souza Júnior - Misa Ferreira

Washington Luis Lanfredi - Dione Souto Rosa

coautores

Entre as Nuvens
Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Imagem da capa: by Pixabay

Fábrica de Ebooks
www.fabricadeebooks.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais

2015

Patrocínio: Livro Destaque
www.livrodestaque.com.br



Índice

O Abajur - Por Amauri Chicarelli.....	6
A princesa, o cavaleiro e o dragão - Por Edmar Souza Júnior.....	11
Três mulheres e uma espada - Por Dione Souto Rosa	15
O monstro faz tudo - Por Washington Luis Lanfredi Dias dos Santos	20
Lua Cheia - Por Misa Ferreira.....	25

Escritores muito imaginativos mergulham entre as ondas da fantasia e soltam a imaginação em contos criativos que farão o leitor sonhar e se desprender do mundo real. Uma coletânea de contos que apresenta a trajetória de personagens cativantes em mundos incríveis, escritos por escritores que farão você ficar “Entre as Nuvens”.

Ademir Pascale

Escritor e ativista cultural – Blog: odesejodelilith.blogspot.com

O Abajur – Por Amauri Chicarelli

Tinha achado a pequena estatueta no lixão onde procurava todos os dias por latinhas de alumínio para vender no ferro velho. Ela estava debaixo de um pneu meio queimado e só foi encontrada porque ele resolveu assustar os outros meninos que estavam um pouco mais abaixo no terreno, rolando o pneu para que passasse bem perto deles. Foi quando viu o pequeno pedaço de metal amarelado coberto com borra de café, massa de cimento de construção e molho de tomate, talvez. A brincadeira foi deixada de lado quando pegou o objeto e avaliou o peso. Tinha certa experiência e havia treinado bastante com as compras que a mãe fazia por isso sempre lia no rótulo das embalagens o peso dos produtos e podia assim avaliar com alguma precisão os gramas e quilos das coisas que vendia ao Sr. Cláudio Sucateiro, ou simplesmente Tio, como a molecada chamava. Aprendeu isso porque ouvia comentários dos outros catadores que o Tio costumava colocar as sucatas que pesava bem na ponta da chapa quadrada da grande balança porque ali o peso não movimentava o ponteiro com a exatidão que faria se o volume estivesse no centro da plataforma. Assim, Valter calculou que aquilo devia pesar uns trezentos gramas. Colocou a peça no saco junto com as outras coisas e foi para casa. Já era tarde, amanhã venderia no ferro-velho o que tinha conseguido.

Valter era cuidadoso e antes de vender as coisas costumava amassar as latinhas com uma marreta e colocar umas pedras dentro delas antes disso para aumentar o peso. O Tio era esperto e percebia que alguns meninos sacaneavam na hora da pesagem e então ele costumava passar um imã nas mercadorias suspeitas, se o imã grudasse, ele sabia que tinham misturado ferro com o alumínio. Valter teve a ideia de colocar concreto quando viu como os meninos mais velhos faziam cerol. Eles enchiam uma lata qualquer com cacos de vidro e amassavam ela com a marreta até ficar plana, em seguida abriam a chapa de metal amassado que a lata se tornara e coavam o vidro moído com uma meia de mulher, misturavam o pó à cola que revestiria a linha das pipas. Teve a ideia então de fazer o mesmo com as latinhas, mas ao invés de vidro, usava pedras de concreto, que, tomando o cuidado de fazer isso apenas na metade delas, pois o Tio não era nada bobo. Naquela tarde de calor de primavera, muito mais quente na cidade, do que o verão, não estava disposto a preparar seu produto para a venda, queria ir para casa e ler os gibis antigos que conseguira comprar naquela manhã com o dinheiro ganho no dia anterior. Gostava de tomar banho, jantar e depois ficar esparramado no segundo andar do beliche, pois o primeiro servia de sofá, preguiçosamente voando com o Super-homem, viajando nas selvas de Bengala com o Fantasma ou se divertindo com o Chico Bento, seu anti-herói preferido. Estava perto de casa quando ouviu a gritaria de sempre entre o pai e a mãe, parou e ficou escutando as vozes alteradas e as acusações.

Valter morava num pequeno barraco na favela do Caixão Deitado, numa casa metade alvenaria, metade barraco. O pai, Sr. Hélio, trabalhava como pintor de paredes e não tinha trabalho fixo, de modo que quando estava com algum serviço, trabalhava incansavelmente até terminar mas depois de fazer as compras necessárias do mês, costumava passar os dias de ócio na companhia de outros trabalhadores avulsos; eletricitas, pedreiros e encanadores cuja jornada de trabalho era como a sua: imprevista. Trabalhavam muito quando tinha serviço e quando não tinha ficavam no grande barracão da favela chamado singelamente de Bar do Zé, misto de boteco e mercearia, onde o barulho dos choques entre as bolas de bilhar e as pedras de dominó nunca cessavam. Misturavam-se às gargalhadas, provocações amigáveis entre os bêbados e o constante som do rádio ecoando rocks barulhentos de uma rádio que só tocava esse tipo de música, pois o Zé do bar era um grande baterista e queria manter seus ouvidos em forma. Era assim que Hélio passava seus dias de folga, o que provocava em Marisa um profundo desprezo pelo marido. Nessas épocas as brigas eram constantes. Já fazia dois anos que ele tinha começado a fazer as paredes de alvenaria da casa, mas a obra se arrastava como passeio de lesma e ela culpava as bebedeiras de Hélio pelo atraso. O que era em parte verdade, mas em parte era o preço dos materiais de construção que impediam o andamento e Hélio estocava todos os itens comprados pouco a

pouco sob uma lona de caminhão, esperando juntar o suficiente para terminar a casa de uma vez ao invés de ficar pagando aos pedreiros por tarefas.

Valter parou e sentou no pedaço de guia de calçada que usava como banco quando queria pensar na vida, ou evitar a batalha que se travava entre os pais. Abriu o saco com as sucatas e começou a examina-las, tinha mudado de ideia e iria adiantar o trabalho agora mesmo. Não tinha ainda prestado muita atenção na estatueta, era de um metal amarelo escuro e isso significava que poderia ser cobre, muito mais caro que o alumínio. Então percebeu que se tratava de uma figura meio indistinta de homem, criança ou mulher com as duas mãos na nuca segurando alguma coisa parecida com uma coroa que apoiava na cabeça como as lavadeiras de roupas que vira certa vez num quadro, equilibrando bacias e baldes cheios de roupas com seus corpos esguios e os bicos dos peitos empinados apontando para o céu da paisagem. Esse pensamento desviou um pouco sua atenção e ele deixou cair a peça de onde se despreendeu um pedaço de cimento e quando ele pegou de volta, notou que a coroa era oca, bem no centro da cabeça de onde o cimento se soltara e ele então se deu conta que era um pedestal de um pequeno abajur de bronze. Valter pegou a faquinha que usava para descascar fios de cobre e raspou cuidadosamente tirando o concreto e a sujeira pregados na figura e em seguida lavou e secou. Pode ver então que era imagem de uma menina coberta apenas por uma espécie de saia amarrada na cintura e parecia sorrir sem se importar com aquela eterna e cansativa tarefa ou pelo fato de estar nua da cintura para a cima mostrando os pequenos seios. Não era tão esguia quanto as lavadeiras de pele escura que vira no quadro, mas como elas, parecia exibir um doce sorriso meio preguiçoso e provocante ao mesmo tempo. Estava sob um pedestal em forma de concha do mar lindamente esculpida em alto e baixo relevo imitando folhas de alguma planta desconhecida. Já tinha visto coisa semelhante em alguns jardins e casas grandes e antigas, mas nesses jardins as figuras eram feitas de pedra e bem maiores e algumas tinham asas e empunhavam um arco apontando a flecha para a frente. Sabia que eram espécies de divindades, mas ainda não sabia de que e, mesmo nas mais diversas posições o olhar delas e a expressão da pose, sugeriam alguma coisa que ele não podia compreender, mas tinha vontade de tocar e acariciar as curvas suaves daqueles corpos imóveis.

Quando chegou da escola naquele dia procurou pelo pai, queria mostrar a ele o que tinha achado, mas ficou sabendo que Hélio tinha arrumado trabalho e isso significava que haveria uma trégua em casa pelo menos durante alguns dias ou semanas, dependendo da duração do serviço. Pensou em mostrar a pequena estátua para a mãe, mas rejeitou a ideia. Ela já o proibira de ir ao lixão, mas fazia vista grossa, pois sabia que o que ganhava com os espaçados serviços na velha máquina de costura mal dava para comprar o pão e o leite diários e no fundo até tinha orgulho do filho que passava o tempo fora da escola ganhando seu próprio dinheiro. Mas o motivo principal era que os sermões de Marisa a respeito do culto a imagens esculpidas, como dizia, e também sobre a obscenidade dos programas e das propagandas na TV mostrando mulheres seminuas, principalmente depois que soube que era traída pelo marido e, ao invés de se separar ou lutar pelo que considerava seu de direito, decidiu esconder sua mágoa e mostrar seu rancor a tudo que tivesse o menor traço de sensualidade. Então ele resolveu guardar aquilo e não mostrar a ninguém, colocou embaixo do colchão e todas as noites antes de dormir costumava acariciar com os dedos as curvas suaves e frias do metal e sentia que alguma coisa tomava forma dentro dele e seu sangue parecia correr pelas veias mais rápido. Tinha sonhos agitados, dos quais nunca lembrava e acordava com a roupa molhada pelo suor, segurando firmemente o pequeno objeto junto ao peito.

Do pouco que se lembrava dos sonhos, tinha a sensação de mãos e bocas suaves percorrendo seu corpo, acariciando entre suas pernas, e dentes carinhosos mordendo sua barriga. Tinha então nove anos e guardou aquele segredo durante muito tempo e mesmo na adolescência, quando descobriu outros segredos com as meninas e beijava algumas delas, sentia o queixume da estátua reclamando de sua traição.

Anos mais tarde já então morando sozinho, mandou polir a estatueta e colocar cúpula com lâmpada e a menina de bronze transformou-se num abajur que estava sempre ao seu lado na cama, acompanhando suas leituras e seu sono. Quando se ausentava a trabalho ou qualquer outro motivo que o obrigava a dormir fora do pequeno apartamento onde morava, sentia-se desprotegido e abandonado. Desde aquele dia no lixão, ela tinha sido sua companhia seguindo seus passos em todos os momentos de sua vida. A morte do pai, a ausência da mãe cada vez mais obcecada pelo pecado e pela redenção até sua própria fuga definitiva para a cidade grande.

A luz da lâmpada, dependendo do ângulo que se virava, projetava sombras com contornos femininos nas paredes ou nas páginas dos livros que lia. Muitas vezes, encontrara trechos literários sobre as divindades nuas que povoavam as florestas gregas, atraindo mortais comuns para as orgias e nessas horas a flauta de um Pã lascivo, soava de um lado para outro do quarto numa sucessão alucinante e sensual ao mesmo tempo. Nesses momentos Valter perdia todo o sentido de realidade e acordava exausto no dia seguinte, completamente nu, sem ter a menor lembrança de ter se despidido.

Valter era visto como um cara reservado pelos colegas da repartição onde trabalhava. Não era exatamente antipático e tampouco extrovertido como os outros e até ria algumas vezes das piadas contadas na hora do almoço e não costumava discordar quando algum deles elogiava uma colega pela sua gostosura ou pelo rebolado pretensioso, mas nunca fazia comentários, só balançava a cabeça e mostrava um leve sorriso de concordância. Sabia quem dormia ou tinha dormido com quem, mas não comentava e nem perguntava nada e nem precisava.

O dia a dia na Repartição e o que acontecia fora dela era sabido por todos. Só uma mulher muito ingênua iria para um motel com um colega de trabalho e confiaria na sua discrição. Ele não sabia como era entre as mulheres, mas conhecia bem seus colegas. Tinha saído com algumas delas, mas não contava para ninguém. Evitava intimidades e jamais havia convidado quem quer que fosse para seu apartamento. Talvez o tempo despendido no esforço para passar no concurso público, tendo saído de uma escola pública do interior para conquistar sua independência financeira e a fuga da miséria da favela tivesse endurecido seus sentimentos de amizade e confraternização. Preferia a vida sossegada de seu apartamento com seus livros sobre mitologia, seus objetos antigos encontrados em ferros velhos e seus sonhos quase reais.

Valter percebeu depois de certo tempo que a luz do abajur costumava se apagar em certas ocasiões e não acender de maneira nenhuma. Ele entendia um pouco de eletricidade, o suficiente para saber que não havia qualquer motivo para isso acontecer. Mesmo trocando o fio, o interruptor as tomadas e a lâmpada, nada fazia a luz acender. Ela voltava sozinha depois de algumas horas ou dias sem qualquer explicação e nas vezes que isso acontecia ele tinha sonhos que jamais conseguia lembrar.

Sabia que tinha sonhado, mas não sabia o que. Apenas o suor e a exaustão física seguida de uma suave serenidade eram os indícios. Com a repetição do mesmo fato de tempos em tempos, Valter começou a desconfiar, pois isso só acontecia nos dias seguintes às suas raras ausências de casa ou logo depois dele sair com alguma mulher e chegar mais tarde. Ele nunca foi mulherengo, nunca teve uma relação duradoura, mas gostava de mulher e precisava de sexo. Embora nunca tivesse levado qualquer uma para aquele quarto, tinha seus encontros e seus momentos de prazer.

A desconfiança do que poderia estar acontecendo o surpreendeu, mas não assustou. Desde que tinha achado aquela estatueta o interesse pelas lendas e mitos das religiões pagãs do mundo todo, onde os deuses e demônios não tinham o menor preconceito em se relacionar fisicamente com os mortais, deram-lhe uma forma de pensar onde os limites entre a dita realidade humana, a fantasia, a lenda e o desconhecido eram encarados como fatos senão concretos, pelo menos subjetivos. Não deixou de pensar que tudo aquilo parecia um daqueles filmes de quinta categoria, mas precisava descobrir a verdade. Dessa forma resolveu fazer uns testes saindo com garotas de programas ou colegas de trabalho

e sem qualquer surpresa ou medo do sobrenatural, viu o abajur se apagar cada vez que ele dormia com alguém. Conhecia o ego e a vaidade dos deuses e entidades das religiões pagãs e sabia também que com toda sua divindade eles podiam ser enganados.

Assim, Valter começou a traçar um plano para enganar o abajur, ou seja lá o que ele fosse. Combinou um encontro com uma garota de programa com quem costumava dormir quando estava necessitado e não encontrava mulheres disponíveis. Gostava dela; era bonita, simples, inteligente e divertida. Quando ele saía com alguém, precisava ter alguma afinidade, não importava se iria pagar ou não. Eles costumavam jantar juntos, beber e conversar antes do sexo nas vezes que estiveram juntos e, em algumas delas a noite foi tão divertida que nem falaram em dinheiro ou pagamento.

A moça dizia se chamar Gisele, mas ele sabia que esse era apenas o nome artístico dela. Eles foram a um motel e ficaram lá até onze da noite e Valter combinou que queria vê-la três dias depois. Pagou o que tinha combinado e foi para casa. Tinha bebido menos naquela noite do que o costume quando saía com Gisele e ao chegar em casa, antes de entrar no quarto, derramou um pouco de uísque nas mãos e esfregou nos braços e no pescoço. Depois disso entrou, acendeu o abajur, vestiu a calça de um pijama e deitou-se com um livro aberto nas mãos.

Não foi preciso esperar muito, dez minutos depois a luz se apagou sozinha e Valter falou um palavrão qualquer, como das outras vezes, colocou o livro sobre a pequena mesa que mantinha ao lado da cama e deitou-se pra dormir. Pouco a pouco foi diminuindo o ritmo da respiração e em meia hora fingia dormir profundamente. A sensação que havia outra pessoa no quarto foi aumentando de maneira gradativa e uma insistente sonolência entorpecia seus pensamentos. Sentia a calça do pijama deslizando pelo seu corpo e depois as carícias úmidas que percorriam sua nudez com uma volúpia que jamais havia compartilhado com qualquer mulher.

Então, a sucessão de rostos, seios, pernas e sexos de todas as mulheres com quem havia ficado desfilavam por sua mente enquanto sentia o calor de um corpo de uma suavidade quase etérea que se movimentava freneticamente sobre ele, levando-o quase ao auge do prazer mas desacelerando os movimentos a fim de impedir que ele atingisse o clímax. A batalha durou a noite toda. Mais tarde Valter não saberia explicar a si mesmo se havia realmente vivido aquilo ou apenas tinha adormecido e teve os sentidos embaralhados pelo sonho.

Na terceira noite depois, levou Gisele até sua casa. A moça já o conhecia há mais de um ano e por isso não estranhou muito a atitude do cliente quase amigo. Tinham bebido muito e retomaram as bebidas assim que chegaram ao apartamento. Ela ficou fascinada pelas várias peças antigas misturadas com móveis modernos que decoravam o local. Valter então sem saber por que ou talvez motivado pelo excesso de álcool, contou a ela sobre o segredo do abajur de bronze. A moça não se mostrou surpresa ou incrédula, apenas pegou sua mão e o levou para o quarto como se já conhecesse a casa e a disposição dos cômodos de longa data. Na manhã seguinte saiu muito cedo, muito antes de Valter acordar. As lembranças da noite anterior não estavam muito nítidas na cabeça do rapaz e ele tomou seu banho como sempre, engoliu o analgésico costumeiro para curar a ressaca e só então percebeu que o abajur havia sumido. Nem por um momento a possibilidade de furto da peça antiga passou pela sua cabeça. Tinha coisas valiosas ali e nada estava faltando, apenas o velho abajur sem valor monetário, nada que justificasse o furto. Mais tarde ligou para Gisele e estranhou a mensagem do celular dizendo que aquele número não existia. Confirmou o número na agenda e a mesma mensagem era repetida tantas vezes quantas ele ligasse. Naquela noite e nas noites seguintes procurou a moça em todos os lugares onde sabia que ela poderia estar e nos lugares que tinham ido e todas as perguntas que fez foram inúteis, todos afirmavam não conhecer ou ter visto a pessoa que ele descrevia; Jamais voltou a vê-los novamente, nem a garota de programa e nem seu abajur.

Minibiografia do autor:

Nasci no Paraná, mas vivo em São Paulo desde os sete anos. Estudei um pouco de Filosofia e depois Direito, mas acabei desistindo por não ter a menor vocação. Só recentemente comecei a levar a sério a arte de escrever. Tenho um livro publicado: “A Outra Banda do Rock” e diversos contos em antologias, revistas e concursos literários. Estou escrevendo um romance que pretendo terminar até o final do ano de 2015. **Contato:** chicarelli1@gmail.com.

A princesa, o cavaleiro e o dragão – Por Edmar Souza Júnior

Jeremy se aproximou com cautela da caverna, era lá que residia a besta, suas mãos eram trêmulas e o suor gelado. Poderia muito bem morrer aquela tarde, mas ali residia sua última esperança.

Ponderou novamente se não era melhor recuar, mas as palavras do rei eram claras em sua cabeça:

— Minha filha está presa no castelo de Eudorath, sob a vigília do grande dragão negro Mortimer... aquele que vencer o dragão e libertar a minha filha...

Era tudo que se recordava, afinal, saíra correndo do salão real em direção ao banheiro, até topar com um dos guardas reais:

— Então apressadinho? Querendo despistar os outros para ganhar a recompensa sozinho, hein...?

— Não, não, eu só quero...

— Vossa majestade! Eis o primeiro voluntário...

Várias conversas e um par de calças borradas depois, ali se encontrava, na frente daquela caverna.

Um pouco sem entender, mas estava ali.

“Aquele mago maluco... como era mesmo o nome dele? Marlon... acho que era isso, ele contou sobre esse dragão pacífico que poderia me ajudar nessa jornada...”

Jeremy girou sobre os calcanhares e começou a se afastar da caverna.

— Um dragão pacífico? Isso não existe! São todos bestas gigantes, mal cheirosas e devoradoras de ovelhas!

Parou no meio do caminho.

“Mas como é que eu vou derrotar o dragão que mantém a princesa cativa no castelo?”

Girou novamente sobre os calcanhares.

— Tá bom! Lá vou eu senhor dragão bonzinho!

Ele caminhou para dentro da caverna e brandindo sua espada falou em voz alta.

— Besta devoradora de homens! Saia do seu esconderijo! Eu, Jeremy de Vedder o ordeno!

Silêncio.

Após mais três tentativas, ele girou sobre os calcanhares e tomou a rota para fora da caverna.

“Bom, eu tentei...”

Seu terceiro passo foi interrompido por uma voz grave e imponente.

— Uhaaaaaaaaa... Quem foi que interrompeu o meu sono? Quem está aí?

Jeremy soltou espada e escudo escondendo-se atrás de uma rocha, tentando disfarçar a voz:

— Squiiiiick... squiiiiick... É um ratinho...

— Os ratos desse reino não falam! Quem está aí?

— Squiiick... squiiiiiiiiiiiiiiiiick

Jeremy ficou petrificado quando um enorme dragão esverdeado aterrissou ao seu lado golpeando firmemente a rocha que o protegia.

— Humano! Quem és tú que se atreve a roubar meu tesouro?

— Squiiiiiiiiick... squiiiiiiiiick... squiiiiiiiiick... — era tudo que um apavorado Jeremy conseguia dizer.

O dragão sacudiu a cabeça e falou de forma desconsolada.

— Deu... chega... sua imitação de rato está péssima!

Jeremy conseguia apenas fazer um tímido sim com a cabeça.

O dragão semicerrou os olhos e bradou impaciente.

— Bom... voltemos ao meu tesouro...

— Que tesouro? — Perguntou Jeremy.

— O meu! Aquele que você veio roubar!

— Eu?

O dragão soltou uma torrente de fogo logo acima da cabeça de Jeremy.

— Sim! Você!

— Eu não! Eu... vim pedir sua ajuda!

— Então você ainda se atreve a... o quê?

Jeremy observou a expressão incrédula do dragão, e respirando fundo, começou seu relato.

— Tem esse dragão... o tal de Mortimer... que sequestrou um castelo... e... tem uma princesa...

— Continue...

— O rei prometeu uma recompensa... e...

— Sei... sei... a velha história de sempre: dragão mal sequestra princesa e o pai oferece a mão dela em casamento para aquele que matar o dragão e libertá-la... blá... blá... blá...

— Hã? Como? Mão da princesa? Pra que alguém vai querer a mão da princesa? Acho que ela ficaria mais feliz se continuasse com sua mão...

O dragão suspirou profundamente.

— E dessa vez mandam o bobo da corte... isso é novidade...

— Hã?

— Chega... só me responda uma coisa bobo... o que eu tenho haver com isso?

— Er... meu nome é Sir Jeremy... da casa de Vedder...

O dragão soltou mais uma torrente de fogo.

— Tanto faz! Me diz o que eu tenho haver com isso!

— É que... aquele mago, o Marlon... ele disse que... você... ajudaria....

— Marlon... velho caduco lazarento!

— Você conhece ele?

— Claro que sim... ele tirou uma farpa de uma das minhas garras a algumas décadas atrás... desde então ele acredita que estou em eterna dívida com ele... achei que ele iria morrer logo... vocês humanos sempre morrem... mas não... tinha que ser um mago... e ele tinha que viver mais cento e cinquenta anos... toda hora é uma coisa...

— Er... você vai me ajudar?

O dragão fitou-o com cara de tédio.

— Alguma chance dele morrer a qualquer momento?

— Hã?

— O mago...

— Não... que eu saiba ele tem uma saúde de ferro... hoje pela manhã ele estava fazendo cooper com um grupo de soldados...

O dragão abaixou a cabeça e soltou um longo gemido.

— É... vamos ver esse dragão...

Jeremy e o dragão chegaram aos muros do castelo Eudorath alguns minutos depois. Tudo estava tranquilo. Não havia nenhum sinal do dragão Mortimer, o que deixava o jovem cavaleiro extremamente preocupado.

— Meu Deus! Ele deve ter devorado a princesa e sumido!

— Não, dragões não fazem esse tipo de coisa! — retrucou o dragão de forma ríspida.

— Como você pode afirmar isso?

— Porque eu sou um dragão.

— Er... mas vocês não são todos iguais!

— Mas nós não devoramos princesas...

— Por que não?

O dragão voltou seu olhar reprovador para Jeremy.

— Isso realmente importa?

Jeremy ficou sem reação diante do dragão irritado. E decidiu que não era hora de insistir no assunto. Virou-se para a entrada do castelo, e sacando sua espada bradou:

— Isso não importa fera devoradora de homens! Vamos invadir este castelo e imolar a besta que mantém a princesa cativa!

O dragão sacudiu a cabeça ao vê-lo caminhar castelo a dentro.

— Tsc... tsc... tsc... Hey! Mortimer meu velho! Está ai dentro ainda?

Jeremy parou e olhou para o dragão sem compreender.

— O que você esperava? Que eu levanta-se voo e começasse a demolir o castelo?

— Er... Sim?

— Nossa, vocês tem uma visão bem deturpada de nós dragões...

Jeremy ia retrucar, quando um segundo dragão, de cor negra apareceu no pátio do castelo urrando e bocejando.

— Shiloh! A quanto tempo! A que devo essa visita?

O dragão não teve tempo de responder, pois Jeremy se adiantou com voz firme:

— Parado dragão maléfico! Eu sou Sir Jeremy de Vedder, e estou aqui para resgatar a princesa...

Mortimer soltou uma coluna de fumaça pelas narinas, dirigindo sua atenção a Shiloh.

— Shiloh? Quem é esse cara?

— Há... é um cavaleiro que veio resgatar a princesa...

— Hmm... Aquele velho clichê do dragão mal sequestrando a princesa... será que as pessoas não se cansam dessas histórias?

— Nem me fale... Capaz de fazerem outro filme com um dragão dublado pelo Miguel Falabela...

Jeremy que assistia sem compreender a conversa entre os dragões limpou a garganta e ergueu sua espada bradando com veemência:

— Não sejas tolo besta alada! Não irás conseguir nos iludir com vossas falácias! Viemos aqui resgatar a princesa... e será sobre o seu cadáver!

Mortimer, gemeu e dirigiu novamente a palavra ao outro dragão.

— Ele vai continuar fazendo esses discursos heroicos o tempo todo?

— Acho que vai...

Uma janela se abriu em um dos torreões de onde uma bela mulher morena começou a gritar de forma histérica.

— Não dá pra vocês fazerem silêncio? Estou tentando dormir!

O rosto do cavaleiro se encheu com um largo sorriso, de espada erguida anunciou:

— Não temas princesa! Eu... Sir... Jeremy de Vedder estou aqui para resgatá-la!

A princesa ficou em silêncio por alguns instantes, e por fim deu uma longa gargalhada.

— Resgatar? Quem? A mim?

— Sim princesa... princesa... princesa... er...

Os dragões se entreolharam.

— Meu nome é Mikaela príncipe de araque!

O cavaleiro recuperou sua postura.

— Isso mesmo princesa Mirela! Eu, Sir Jeremy de Vedder estou aqui para resgatá-la do cativoiro que o terrível dragão...

— Mikaela! Mikaela! Meu nome é Mikaela! E eu não estou em cativoiro porra nenhuma!

Jeremy ficou boquiaberto.

— Não?

— Não seu pateta! Eu que fugi do castelo do meu pai! Não aguentava mais ficar usando aquele vestido colorido cheio de rendas, e ficar sorrindo e cumprimentando todo mundo que aparecia no castelo!

— Princesa?

Mirela lançou uma...

— É Mikaela! Mikaela! Eme... i... ka... a... ê... éle... a! Mi-ka-e-la! Tá vendo porque eu me revolto? Nem o narrador acerta o meu nome!

Err... desculpa princesa.... bom... como eu ia dizendo... Mikaela lançou uma corda e desceu por ela, aterrissando suavemente no pátio.

Jeremy percebeu que ela não usava as roupas típicas de uma princesa, mas sim, um “vestido” negro que terminava logo abaixo do seu quadril, combinando com uma roupa de couro apertada em seu abdome.

— O que foi caipira? Nunca viu um espartilho?

— Princesa eu... mas e o dragão?

Mikaela aproximou-se do dragão fazendo uma carícia em sua cabeça.

— O Morti? Ele tem sido um amor... compreensivo... gosta de ouvir minhas poesias... fala coisas interessantes sobre o mundo, o céu, sobre como voar...

— Mas... mas... e o castelo?

— Há! As pessoas começaram a correr em desespero quando Morti e eu pousamos aqui, tudo que eu queria eram as roupas novas que a tecelã fez em segredo pra mim.

Ela deu uma voltinha exibindo o traje aos presentes.

— Mas... mas... você é uma princesa... você...

— Já sei... já sei... “eu tenho tudo que uma garota adoraria ter”! Claro... ficar presa dentro de um castelo malcheiroso, ouvindo as pessoas falarem sobre ouro, prata, bronze, casamentos arranjados... blergh! Isso é tão... tão... ultrapassado... parece até que estamos vivendo na idade média!

Jeremy abria e fechava a boca desconsoladamente, observando a princesa subir nas costas do dragão negro.

— Vamos Morti, vamos dar uma volta por algum desses povoados, tomar umas... curtir a noite.

— Você quem manda princesa!

O dragão alçou voo, rumo ao horizonte. Jeremy, de espada em mãos, enfrentava um misto de decepção e confusão.

— Como é que eu vou explicar isso para o rei?

Jeremy estava diante da primeira princesa rebelde da história.

Minibiografia do autor:

Edmar Souza Júnior é escritor. Já participou de coletâneas literárias a nível nacional, entre suas participações constam as antologias "Invasão" (Giz), "No Mundo dos Cavaleiros e Dragões" (All Print) e "Mr. Hyde: Homem Monstro" (All Print). Por dois anos seguidos figurou no "Panorama Nacional" da Câmara Brasileira de Jovens Escritores. **Contato:** edmarsj@gmail.com.

Três mulheres e uma espada – Por Dione Souto Rosa

O inverno veio impiedoso nas Terras do Norte arremessando ventos congelantes nas encostas do vale, cobrindo os picos das montanhas de neve. Sobre a relva esbranquiçada, o rei sucumbiu em meio a uma rajada de flechas. Eu não ficaria sem ele, especialmente depois da escolha que fiz...

O gigantesco castelo de Ambêr com suas longas torres góticas abriga uma fortaleza mística construída sobre um lago em que viviam o druida Amdir — O Vigilante e a druidesa Lothiriel — a Rainha das Flores, os quais enviaram uma sacerdotisa para encontrar os fragmentos de brandr, a nórdica espada dourada destruída em combate. A jovem de longos cabelos negros voltou num pequeno barco com a relíquia e a entregou ao casal.

Lothiriel disse a seu marido:

— A espada precisará ser reforçada e só uma pessoa poderá fazê-lo.

— Sim. Enviaremos a sacerdotisa até Erudhir com os fragmentos, a fim de combater a invasão de Meleas nas Regiões Baixas. Ela é o que ele espera há muito tempo...

A jovem partiu de barco em meio ao nevoeiro, mas antes que chegasse ao seu destino foi alvejada por uma flecha, caindo no lago, sendo impedida de chegar até Erudhir, o rei elfo, o especialista no manuseio da espada com as duas mãos. Ele aprendeu a fundir o aço em seu próprio território para não importar espadas, reinando soberano nas terras élficas por longas eras e, por isso somente ele poderia liderar o ataque aos demoníacos elfos centauros. Eles provinham de uma antiga linhagem de elfos guerreiros, com olhos vermelhos, longos cabelos escuros trançados e grandes presas incisivas, possuindo pelagem negra na parte animal. Viviam aos milhares numa longínqua região, atrás das montanhas, próximo ao caudaloso rio Sharion, o qual terminava num abismo, que diziam ser infinito e repleto de serpentes com várias cabeças. Por onde passavam deixavam um rastro de destruição e ódio. Naquela estação, sorrateiramente, aproximaram-se do castelo do rei na floresta élfica, destacada por sua impenetrabilidade e armadilhas mortais com um terrível propósito.

No apogeu de seu reinado, o rei escolheu Airilyn, uma linda elfa para ser a sua esposa e o amor deles foi coroado com a espera do primeiro filho. Em tempos de paz, o rei permitia que ela saísse do palácio, pois adorava cuidar dos jardins próximos ao bosque. Nunca ia sozinha, mas naquele dia tudo parecia fadado à tragédia. Meleas, o elfo centauro se escondeu no bosque e, tão logo a avistou, tratou de matar os súditos e capturou-a. Qual o objetivo? Conseguir os fragmentos da espada élfica, pois julgava sua por direito. O ancestral comum Aeglos, o Ponta de Neve ordenou que a espada ficasse com o mais forte, porém o pai de Meleas a destruiu e ninguém sabia o paradeiro dos fragmentos. O elfo centauro imaginou que capturando a rainha, o rei ficaria frágil e entregaria os fragmentos. Caso os recuperasse, cumpriria a promessa de seus ancestrais em comandar as Terras do Norte, bem como Erudhir, todavia ambos foram obrigados a lutar sem a espada prometida.

Os druidas previram a morte da sacerdotisa no lago e sabiam que o destino revelaria surpresas. A visão de Lothiriel foi clara:

— Ela precisava estar em outro mundo para cumprir o seu destino!

O rei procurou muito pela rainha, mas desistiu quando o seu corpo chegou inerte aos seus braços, através de um dos mensageiros do inimigo.

— Eis a sua esposa — e gargalhou. — O rei correu até ela, mas estava morta.

— O que fizeram com a minha rainha?

O centauro continuou rindo despreocupado e o rei enfurecido sacou de suas duas espadas e, num giro rápido de pulsos e braços, partiu-o em pedaços.

Meleas estava furioso:

— Não pode ser — bradou. — Os espectros do Poço do Grande Poder revelaram diretamente da Fonte dos Deuses que o rosto da sacerdotisa portaria os fragmentos. Atirei nela no lago, mas a maldita desapareceu na água. Agora a encontro e não está com o objeto. O poço não se enganou, ou se enganou?

A rainha Airilyn estava grávida e o sofrimento pela perda tomou conta do rei e tudo o que ele queria era enfrentar Meleas, e morrer em seguida. Após o massacre aos súditos e da rainha, os centauros reuniram novamente os seus exércitos de leste e oeste para novos ataques.

— Não sei o que Meleas quer, mas que venha à minha presença. Não tolero covardia ou mensageiros. O que eles querem é a espada, todavia nem eu tenho.

O rei combateu o cerco inimigo, levando-os à floresta para serem comidos vivos por árvores assassinas e galhos estranguladores. Os centauros se retiraram assombrados e Erudhir, julgando-se vencedor da guerra, desapareceu numa manhã de outono, pois nada o fazia esquecer a tragédia da mulher. Demorou uma noite para chegar do outro lado das colinas verdejantes, que os elfos chamavam de Próximas do Luar, porque a visão da Lua era estonteante. Contemplou a noite clara e viu surgir à sua frente, ao amanhecer, um grande portal entalhado. Ele sabia do umbral que separava os três mundos, mas jamais imaginou que o encontraria. Desde que o pai de Meleas destruiu a espada prometida, a terra dos elfos se separou em três: o mundo dos elfos, dos centauros e dos homens.

O rei desceu do cavalo e deixou o animal. Viu que uma escadaria levava até o umbral e subiu até o topo, desaparecendo na névoa. Instantes depois, ele percebeu que cruzara o portal proibido. O rei ficou zozzo e viu à frente um estreito e longo rio. Teve certeza do que faria ao perceber a sua profundidade.

É aqui. Que os deuses me perdoem.

Ele chegou perto da margem do rio, desembainhou a espada e se ajoelhou. Apoiou-se nos calcanhares, buscou forças e introduziu a lâmina em seu ventre. A dor foi tão intensa que caiu. O peso do corpo o empurrou para dentro das águas frias do rio. Erudhir afundou rapidamente, revirando seus longos cabelos louros na água, perdendo o brilho de seus olhos azuis em meio ao sangue, que corria intenso e amargo. Antes que os olhos se fechassem, viu uma jovem de cabelos negros vindo em sua direção e ela entregou-lhe um pequeno embrulho. Ela o colocou dentro de sua túnica e se despediu num adeus.

Airilyn, meu amor... — E Erudhir fechou os olhos. Quando tudo parecia perdido, alguém o puxou do fundo das águas. Quem seria?

— Vamos, Adriano e Carlos, ajudem-me aqui — gritei colocando a cabeça para fora da água.

— Certo, vamos ajudá-lo.

Logo eles resgataram o corpo inerte de Erudhir e o colocaram às margens do rio. Nesse momento, vi o rosto dele, e fiquei surpresa com as vestes.

Vi que ele engolira muita água, mas o pior era o ferimento em seu ventre:

— Ele está sangrando...

— Ele não vai resistir — disse Carlos, convencido. — A menos que use seus poderes de feiticeira.

— Não sou feiticeira.

Fiz com que voltasse a respirar e coloquei as mãos sobre o seu ventre, e fiz orações.

De repente, Erudhir despertou. Ele ficou olhando o meu rosto e meus cabelos. A semelhança com ela era indiscutível. Estaria louco?

Ele se levantou e não acreditou que não sangrava mais, ou sentia dor.

— Milady é Airilyn? Estou sonhando?

— Não sou quem pensa... Sou apenas alguém que o curou.

— Se milady não é Airilyn, por que me salvou?

— Não precisa explicação para salvar alguém. Estava nadando e o vi afundando nas águas. Estou procurando por algo, mas isso não importa.

— Seria isso? — Ele retirou o objeto de dentro da túnica. — Olhei-o impactada. — Obrigado por me salvar, mas terão que me acompanhar.

— Para onde?

— Não vamos a lugar algum. Não sei se percebeu, mas está em desvantagem. São três contra um — interferiu Carlos. — Erudhir olhou para o outro lado do rio viu os guardas à sua espera.

Fiquei petrificada ao ver os elfos de Erudhir; talvez fossem uns vinte homens todos trajados com armadura, espada e elmo. Carlos e Adriano resistiram ao serem forçados a acompanhá-los e seguiram irritados, mas foi com grande gentileza que o rei me conduziu ao misterioso portal.

— Por que quer que o sigamos? — insisti.

— Preciso agradecê-la e aos seus amigos.

— Agradecimentos aceitos. Não precisamos segui-lo para isso.

O rei fez que não ouviu. Tão logo Adriano e Carlos escutaram a palavra agradecer, pensaram em dinheiro e não me deram chances de argumentar. Em seguida, cruzamos o portal e jamais imaginei o que aconteceria lá. Fiquei zozna na passagem e o rei num ímpeto de grande agilidade me pegou nos braços. Fiquei desacordada todo o tempo. Embrenhamo-nos pelo caminho traçado dentro de um gigantesco bosque com enormes árvores de altas copas pelos dois lados da paisagem parecendo que esbarrariam no céu. Pareciam cantarolar uma suave melodia élfica, vindas de uma longínqua harpa. Ao chegar ao seu castelo, ele entrou e subiu as escadas comigo nos braços. Antes, porém, falou a uma elfa que o aguardava no sopé:

— Prepare o quarto para os visitantes.

A elfa viu meu rosto e fez cara de espanto:

— Majestade, ela parece...

Carlos cochichou com Adriano:

— Viu o jeito que ele olha para Luana? Temos que sair daqui, senão vamos ter problemas.

— O que faremos? Precisamos descansar, pois estamos exaustos — falou Adriano.

— Tem razão. Vamos descansar. Amanhã entabularemos um plano para fugir, antes temos que pegar a recompensa. Não voltaremos de mãos abanando...

Erudhir deixou-me descansado sobre uma cama:

— Majestade — disse a elfa.

— Eu sei. Ela se parece com a rainha.

O rei se ajoelhou e beijou a minha mão. Não tardou para que eu despertasse:

— Onde estou? — disse tentando me sentar, mas não consegui.

— Acalme-se. Você é...

— Chamo-me Luana.

— Peço que repouse, pois desde que cruzamos o portal milady não se sente bem.

— Onde está o meu irmão e amigo?

— Eles estão instalados em um quarto com comida e repouso adequados.

Ao sentir a mão calorosa do rei sobre a testa, fechei os olhos.

Airilyn... Será que voltou para mim?

No dia seguinte, o rei acordou muito cedo, e queria saber de mim, mas antes que fosse me ver se deparou com Carlos e Adriano querendo explicações.

— O que desejam?

— Deve nos libertar e nos pagar a gratificação prometida.

— É claro!

— Queremos ver Luana.

— Ela ainda está dormindo. Logo descerá.

— Pretendemos regressar e queremos a recompensa hoje.

— Vocês a receberão. E o rei mal conseguiu terminar a frase quando desci pela escada.

Vestiram-me com roupas do reino, um longo vestido verde e o rei não tirou os olhos de mim. Tive medo de imaginar o que ele sentia, mas meus receios iam de encontro aos seus sentimentos. Desci as escadas e o rei beijou minha mão. Carlos ficou enfurecido com a atitude e tentou agredir o rei, mas foi contido:

— Luana? Acorde deste pesadelo!

Parece que os gritos de Carlos me fizeram cair na realidade:

— Majestade... — Carlos e Adriano sorriram. — Não sou quem pensa!

— Diga que é Airilyn!

Fiquei contrariada:

— Está enganado. Deixe-me ir... — Saí caminhando em direção à porta principal e parei ao ouvir a sua voz sedutora e convincente.

— Tenho esperado pela sua volta... — avancei, mas ele segurou o meu braço, — Todavia, se quiser me desafiar e alongar os momentos em que nos amaremos intensamente, que assim seja! Não vou perdê-la de novo, seja qual for o seu nome!

Virei-me para o rei e disse nervosa:

— Eu não sou a sua rainha. Não me tomará por outra mulher. Convença-se e nos liberte.

— Milady não é Airilyn. É Luana.

Adriano e Carlos não entenderam nada, e Carlos insistiu:

— Majestade, dê-nos apenas a nossa recompensa.

O rei fez sinal para que seus guardas trouxessem o prometido. Logo veio um grande baú recheado de moedas de ouro. Ambos ficaram extasiados com o que viram e ficaram contemplando o tesouro. Eu não tinha interesse algum no dinheiro. Todas as visões que havia tido naquele rio me fizeram ter certeza de que havia mais entre mim e a rainha morta não revelado. De modo inexplicável havia absorvido a energia da sacerdotisa da espada e da rainha. Tudo isso somado à indiscutível atração que sentia por ele só podia haver um propósito em tudo aquilo. Olhava para o rei e me via nos braços dele, como se aquela rainha estivesse dentro de mim, ou talvez fosse aquela mulher que eu vi no lago, antes de salvar a vida do rei, e que era a minha imagem refletida.

Enquanto Carlos e Adriano se detiveram com o ouro, o rei propositalmente me conduziu a outro ambiente e, num ímpeto de paixão puxou-me para perto dele, tomando-me num beijo de amor.

— Deixe-me voltar... — repetia inebriada pelo perfume dos lábios dele.

— Não há como voltar.

— Por quê?

— Uma guerra se aproxima — observei-o atônita. — Hoje o portal limita três povos: dos elfos, dos humanos e dos elfos centauros. Recebi a notícia que Meleas vai atacar novamente e eles querem os fragmentos da espada, que você também procurava no lago, não é? Precisarei reforjar a espada e, dessa vez, expulsá-lo.

— Sim, sempre busquei por ela e acho que por algo mais...

— Tenho certeza de que veio do outro mundo para unir todas as partes da mulher que perdi e ficar comigo no meu mundo!

Erudhir requisitou a formação de seu exército, montou seu cavalo branco e, antes que fosse liderar seus guerreiros ficou pasmo a me ver ao seu lado vestida com cota de malha e a armadura.

— Não me pediu para ficar?

— Sim, meu amor. — E um beijo selou minha escolha, enquanto meu irmão e amigo se despediram em silêncio sendo conduzidos ao portal do outro mundo...

Meleas finalmente se apresentou ao rei e reconheceu-me:

— É ela. A mulher do Poço do Poder. Onde escondeu o que me pertence?

— Seria isso? — Erudhir mostrou a espada reforjada.

— Malditos — bradou. — Dessa vez acabarei com todos.

— Eu quero ver — vociferei furiosa.

Os exércitos avançaram e enquanto os centauros investiram sobre os elfos, tentando arrebentar a barreira élfica, eles os enganaram e pularam sobre a falange, matando dezenas. Finalmente Erudhir confrontou Meleas e o feriu, mas ele não se deu por vencido. Correu atrás de mim e me fez cair do cavalo. Erudhir impediu-me de ser alvejada e, num golpe fatal, matou Meleas, cortando-lhe as patas e acertou o seu coração. O rei veio atrás de mim e me levantou. Enquanto saíamos do campo de batalha, Erudhir recebeu uma saraivada de flechas nas costas, bem como eu. Tivemos forças para ir até a entrada do bosque, mas não resistimos.

Os centauros se foram para sempre e os elfos comemoravam a libertação do inimigo opressor. Brandr foi recuperada e ficou a salvo, mas para nós era tarde demais. Nossas almas se levantaram e caminharam de mãos dadas para o castelo Ambêr e, às margens do lago ficamos abraçados pelo tempo

do eterno e do único, enquanto o luar descia suas estrelas e as brumas se assentavam sobre as águas cálidas e serenas...

Minibiografia da autora:

Dione Souto Rosa é formada em Direito, pós-graduada em Direito Processual Civil, Licenciada em Letras Português/Inglês, Curso de Piano Clássico, História da Música, Teoria e Solfejo, Mestranda em Teoria Literária pela UNIANDRAGE e membro efetivo da Academia de Letras José de Alencar/PR. Publicações em poesia com indicação ao Codex de Ouro 2011 e diversos contos em coautoria. Prêmio no Primeiro Concurso Cranik com o conto Nuada, o lendário rei Tuatha Dé Danann. Livro solo: Luar de Sangue. E-book Viagem ao Reino da Cabeça da Serpente. Convite para integrar a antologia Mr. Hyde – homem monstro. **Contato:** dirosa19@yahoo.com.br.

O monstro faz tudo – Por Washington Luis Lanfredi Dias dos Santos

Era uma vez uma cidade que se chamava nada, não tinha nada e ninguém fazia nada.

Essa cidade tinha uma lenda bem antiga, da qual dizia que um dia apareceria um guerreiro cheio de amor e esperança que transformaria aquela cidade.

Nada era uma cidade escura e cheia de seres mágicos e fadas que só sabiam dormir e duendes que só comiam.

Poucos eram os humanos que só fumavam charutos e se balançavam nas redes.

O tempo passava e de tanto fazer nada morriam gordos e sem ninguém.

Havia uma princesa chamada Catarina Nada da Silva que vivia tentando querer mudar sua cidade, mas nada conseguia, pois de tanto tentar morreu um burro. Porque ela nada sabia fazer.

Bem distante dali havia uma cidade habitada por monstros que pareciam feitos de barro.

Eu vivia lá e era um jovem monstro que fazia de tudo nessa cidade, era pedreiro, pintor, carpinteiro e assombrava algumas casas no final de semana para garantir a comida da família.

Meu nome é Severino Tudo dos Santos e eu já estava cansado da minha vida e queria fazer algo mais, eu queria mudar o mundo, ser um monstro famoso, queria ser mais assustador e ficar rico por isso.

Então um dia cheguei à minha casa, peguei minhas roupas e parti deixando meus pais com meus quarenta e sete irmãos.

Então sai pelo mundo andando por várias cidades. Sem destino e sem trabalho, andei pensando muito e desisti de ser um monstro mal e comecei a fazer o bem, pois assim talvez eu ganhasse algum dinheiro.

Porém eu era muito assustador e feio perante as pessoas que não me conheciam e quando eu chegava perto de alguém, todos saiam correndo de mim.

Mas num certo dia eu estava andando pela floresta da tristeza e vi uma cidade bem distante onde haviam postes de luz e muita gente ao redor, mas tudo estava escuro, ninguém via nada, assim eu me aproximei dali o mais rápido possível para ver o que estava acontecendo.

Eu estava usando uma capa protegendo meu corpo para ninguém ver o que eu era e então chegando bem perto da cidade uma jovem se aproximou de mim e disse:

— Senhor você pode nos ajudar a acender a luz da nossa cidade?

Achei estranho então perguntei quem era ela e por que ninguém da cidade acendia a tal luz, então ela me respondeu que era a princesa Catarina e que ninguém da cidade fazia isso porque ninguém sabia fazer nada.

Mesmo sem vontade e com medo de assustar a todos quando acendesse a luz eu propus a arrumar tudo lá na cidade antes, mas que deixaria a luz por último.

A princesa não tinha entendido o porquê, mas aceitou, pois para quem não fazia nada um pouco de tudo estaria ótimo.

Eu comecei a varrer a cidade, juntar os lixos, levar crianças para a escola até chegar o grande dia de arrumar as luzes da cidade.

Eu não queria arrumar a luz porque iriam ver quem eu era realmente, mas não tive medo e fui consertar.

O problema era simples, e consertei bem rápido, era só um fio solto no interruptor.

O povo da cidade se aglomerou na praça da cidade para novamente ver tudo mais claro.

Depois que todos estavam presentes, eles começaram ao mesmo tempo a contar bem alto:

— De, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um zero.

Assim acendi as luzes bem depressa e ouvi muita alegria e muitos abraços até que um garotinho se aproximou de mim e puxou minha capa.

As pessoas quando me viram começaram a correr desesperadas até escutarem uma voz bem alta e fina que vinha dos alto-falantes da praça dizendo para pararem de correr.

Era a princesa Catarina fazendo algo, pois isso já era uma mudança boa, e se analisarmos até pelo fato da população correr também já era uma mudança.

A princesa pediu para a população me respeitar porque não devíamos julgar pela aparência, mas sim pelo que a pessoa é, pois se não fosse por mim eles ainda estariam sem luz e sem fazer nada.

Quando ouvi aquelas palavras quase chorei de tanta emoção. Mas como sou um monstro e forte segurei o choro.

A princesa Catarina se aproximou de mim e me deu um enorme abraço.

A princesa pediu para eu viver com eles e ensinar um pouco de como se deve fazer para fazer tudo.

Então eu, o monstro, acabei me tornando novamente no senhor faz tudo, mas agora eu era reconhecido e ao invés de assustar as pessoas nas horas vagas agora eu as protegia sendo o grande guardião da cidade “Nada”.

A minha vida estava ótima, todos gostavam de mim, nem parecia que eu era um monstro, lógico que sabia que eles gostavam de mim porque eu fazia tudo e os protegiam, mas o que mais motivava era ter ensinado muita coisa para aquele povo, pois eles já faziam muitas coisas, eu até tinha proposto mudar o nome da cidade para “Tudo”, mas não aceitaram.

Porém nada dura para sempre. Certo dia um carregamento de mantimentos foi assaltado quando vinham abastecer a cidade do Nada.

As pessoas que conduziam o carregamento disseram que tinha sido um monte de monstros ferozes.

Eu perguntei como que eles eram e assustados disseram que se pareciam comigo.

Fiquei preocupado, porque imaginava o que faria meus irmãos fazerem isso.

A princesa pediu para eu juntar uma equipe e ir ver o que tinha acontecido.

Chamei Paulo Gardenal, Pedro Preguiça e Sergio Marajá para me acompanharem naquela busca, mas a princesa Catarina também quis se juntar a nós e levou suas ajudantes: Marta Tartaruga e Priscila Foca, além de dois guardas reais.

Como eu disse anteriormente depois de minha vinda para aquela cidade todos queriam fazer tudo, até tudo de mais.

Ao amanhecer partimos em direção a minha terra, a fantástica cidade Tudo.

Eu tinha mais um segredo que não tinha contado para ninguém e quando chegasse à cidade a princesa descobriria e não gostaria mais de mim.

Mesmo assim, com medo, mostrei o caminho para eles e fomos ver o que nosso destino nos aguardava.

A nossa aventura não foi tão fácil quanto esperava, chovia muito e como estávamos indo a cavalo era muito desconfortável.

Quanto faltava algumas horas para chegar já estava noite então paramos para dormir, montamos umas tendas e esperamos amanhecer.

Foi uma noite inesquecível para mim, conversei com todos por igual, não parecia que eu era um monstro.

Fiquei a sós por um tempo com a princesa e ela me cativava cada vez mais, até que num determinado tempo eu perguntei a ela:

— Princesa, você me acha um monstro?

— Olha Severino eu sempre tento olhar o interior das pessoas e o seu interior é o mais lindo que eu já vi.

Fiquei muito feliz com as palavras dela e quase contei meu segredo, mas tive medo e esperei a hora certa.

Eu pedi para usar uma capa para ninguém me identificar e quando chegamos ao portão de entrada tinha dois soldados de guarda.

A princesa se identificou e pediu a permissão de nossa entrada ao castelo.

Nós fomos liberados a entrar, nem parecia minha cidade, tudo estava diferente, a cidade estava destruída, tudo sujo e muita gente mal humorada.

Quando nos aproximamos do salão real uma voz tenebrosa surgiu lá no fundo do salão:

— Entrem povo da cidade do Nada.

Nós entramos e a princesa já chegou gritando com a rainha:

— Quem a senhora pensa que é para nos roubar?

A rainha bem calma e esnobe disse:

— Filha, para um povinho que não sabia fazer nada você está muito abusada.

— O que fizemos para você? — perguntou novamente a princesa.

— A senhorita ainda pergunta, seu povo começou tudo isso primeiro, vocês roubaram a coisa mais valiosa que eu tinha — respondeu a rainha nervosa.

— Como poderíamos roubar alguma coisa se não sabíamos fazer nada? — disse a princesa preocupada.

A rainha não queria mais conversa e pediu para que devolvêssemos logo se não ia nos prender e mandar destruir a cidade.

A princesa então perguntou o que era de tão valioso que tinha sido roubado que ela mandaria procurar na cidade e se encontrasse devolveria.

— Vocês já sabem, mas vou dizer para vocês então, vocês sequestraram meu primogênito. O futuro rei da terra do Tudo — respondeu a rainha.

A princesa disse para a rainha que ela estava louca, pois nunca sequestraram ninguém, então a rainha mandou nos prender.

Quando os guardas ameaçaram nos prender eu disse para pararem bem alto e tirei minha capa.

A rainha e os guardas pararam. A rainha gritou:

— Severino meu filho, você voltou? Não acredito que você está bem... O que você faz junto com esse povo do Nada?

Eu olhei para a princesa e vi a cara de tristeza dela por saber que eu não tinha contado, mas fui forte e respondi para minha mãe:

— Mãe, perdão por ter sumido, ninguém me sequestrou, eu que fugi, pois queria ser diferente, conhecer novos lugares, o povo do Nada só me ajudou e me acolheu como membro da família deles.

Minha mãe me abraçou e disse que o que eu tinha falado era bobagem, que o povo do Nada só tinha me aceito porque eu fazia tudo por lá e eles não sabiam fazer nada.

Olhei para a princesa e perguntei para ela se era verdade e ela muito magoadá disse:

— É verdade Severino, nós te usamos, nunca mais queremos você na nossa cidade.

Eu pedi desculpa para ela por não ter contado, mas ela não acreditou em mim.

Minha mãe mandou devolver o que tinham pego da cidade do Nada e já me mando trabalhar.

Quando a princesa estava saindo da cidade eu me aproximei dela mais uma vez e novamente perguntei se me perdoava e se ela não gostava nenhum pouquinho de mim, então ela respondeu:

— Nunca eu gostaria de um monstro mentiroso como você.

— Eu, monstro? — vocês são mais monstros do que eu, vocês ficam parados esperando a morte chegar enquanto eu vivo a minha vida fazendo as coisas acontecerem. - falei nervoso.

Ela virou as costas e se foi.

Eu era o príncipe e futuro rei, mas nunca gostei dessa ideia e isso foi um dos motivos que fugi, não aguentava mais minha mãe pegando no meu pé.

O pior que eu tinha gostado muito da minha vida junto com o povo da cidade do Nada, principalmente da princesa Catarina.

Os dias foram passando e minha vida apesar de tudo estava voltando ao normal menos a parte de eu assustar os outros.

Eu estava me preparando para tornar-me rei, mas faltava a rainha e as minhas candidatas eram péssimas.

Mas um dia enquanto eu almoçava chegou uma notícia que me deixou muito preocupado e chateado.

Meus soldados chegaram perto de mim e disseram que algo muito estranho havia acontecido na cidade do Nada.

A cidade tinha sumido do mapa junto com todas as pessoas.

Imediatamente pedi autorização a minha mãe e sai à procura deles com alguns soldados da cidade.

Procurei por dias e nada de encontrar uma alma viva, nem morta, mas não desisti fácil, fui procurar os anciões do pico agudo que ficava na parte mais alta de nosso planeta, lá eles viam e sabiam de tudo.

O problema que para chegar lá eu teria de ir voando.

Então sai para caçar com meus soldados uns animais chamados Picarus. Eles tinham forma de leão, mas com asas, os únicos seres que poderiam me levar para falar com os anciões.

Depois de muito trabalho conseguimos capturar alguns e voamos até o pico agudo para descobrir de uma vez por todas o que tinha acontecido na cidade do Nada.

Cheguei chegando como dizem por aí, nem bom dia ou boa tarde dei, já fui perguntando se sabiam algo.

Pediram para eu me acalmar primeiro e depois contariam tudo, então eu me acalmei e depois de meia hora começaram a falar.

Eles disseram que eles foram atacados pelo povo da areia.

Eu perguntei por que eles atacariam a cidade do Nada, pois eles não faziam nada para ninguém.

E esse foi uns dos motivos, de tanto fazer nada acabaram provocando a ira dos seus vizinhos, porque eles queriam comer e beber de graça, sem trabalhar e sem pagar.

Eram milhares de anos de dívidas atrasadas, então foram tomar tudo que pertenciam a eles.

— E as pessoas onde estão? — perguntei.

Disseram-me que estavam todos presos na ilha do medo que ficava a quilômetros de distância da onde estávamos e ia levar dias para salvá-los.

Não desanimei e segui em frente na busca de resgatar a todos da cidade, seguimos as instruções dos anciões e fomos ao resgate.

Depois de dez dias de muita aventura e perigos chegamos a ilha do medo, eu estava muito cansado, mas resolvemos invadir a prisão assim mesmo.

Pegamos alguns barcos abandonados na beira e fomos até a prisão e chegando lá não tinha nenhum guarda vigiando e começamos a achar estranha aquela facilidade, descemos ao calabouço e lá estava a população da cidade do Nada.

Aquele calabouço era enorme, coube mais de cinco mil pessoas presas.

Soltamos todos e quando vi a princesa meu rosto se encheu de alegria e ela veio me abraçar pedindo desculpas e agradecendo.

Eu disse a ele que só fiz o que achei certo e que ela tinha razão de ter ficado brava comigo.

Mesmo assim ela disse que se arrependeu e tudo que falou era mentira, só havia dito aquilo porque eu menti e na verdade ela gostava muito de mim e sentia minha falta.

Mas ainda tinha uma coisa que não fazia sentido para mim. Por que lá não tinha nenhum guarda?

— Eles nos deixaram com comida para um mês e foram embora, pois sabiam que não tentaríamos fugir porque não sabemos fazer nada - respondeu a princesa.

Eu disse para não se preocuparem, pois essa fama iria acabar, então convidei a todos a irem morar na cidade do Tudo comigo.

— Você faria isso por nós? — perguntou a princesa.

— Lógico que eu faria e vou fazer — respondi.

Ela virou em direção ao meu rosto e me beijou, foi inesquecível.

Quando a princesa abriu os olhos depois de me beijar ela viu algo incrível do qual nunca pensou que iria acontecer, na verdade nem eu imaginei isso um dia.

Eu e todos os monstros que viviam na cidade do Tudo viramos humanos.

Depois da transformação voltamos para nossa cidade e fui correndo perguntar para minha mãe como isso era possível.

Ela nos disse que a muito tempo atrás nosso povo foi amaldiçoado pelos anciões porque chegou num certo ponto que nós não nos preocupávamos com os outros pois fazíamos tudo então não precisávamos de ninguém.

Então os anciões transformaram todos em monstros e só seria revertido essa maldição quando realmente ajudássemos alguém de coração.

E foi isso que aconteceu, não foi o beijo da princesa que nos salvou, foi o fato de termos ajudado aquele povo, mas eu gostei mais do beijo.

Já se passou alguns anos depois dessa história e hoje estou casado com a princesa Catarina e juntos somos os reis da cidade do Tudo e do povo da cidade do Nada que hoje todos fazem alguma coisa, meu povo aprendeu a ser mais humilde e dividir seu trabalho e o povo do nada aprendeu a trabalhar.

E por enquanto estamos vivendo muito felizes, e eu nunca fui um monstro.

Minibiografia do autor:

Washington Luis Lanfredi Dias dos Santos é Técnico em eletrônica. Tem participações em antologias: “Poesias todo dia”, da Bookees e “Poesias sem fronteiras”, “O tempo não apaga”, “2º prêmio literário escritor Marcelo de oliveira Souza”, da Celeiro. Livros publicados na Bookee, Agbook e Clube de autores. **Contato:** washingtonlgsp@yahoo.com.br.

Lua Cheia – Por Misa Ferreira

O cara sempre fora meu amigo, para dizer a verdade, coisa de mais de quarenta anos. Passamos os dois num concurso público, trabalhamos juntos na mesma seção, eu frequentava sua casa, era padrinho de seu filho mais velho. Nossas mulheres também eram amigas, faziam quitutes em nossas reuniões de finais de semana. Nossos filhos estudavam e brincavam juntos, enfim nada havia que eu não soubesse dele e ele de mim. Era realmente uma amizade verdadeira. Isso não existe, você poderá dizer argumentando que pessoas são sempre falhas e cheias de misérias humanas. Bem, é possível, mas o que realmente causou o fim de toda aquela amizade nada teve a ver com fraquezas humanas como inveja ou traição. Mesmo depois de muitos anos, as pessoas ainda me perguntam a razão de nosso afastamento. Eu me calo. Não ousou contar a verdade, a não ser para a tela em branco que recebe o que não tenho coragem para falar.

Damásio era seu nome. Era uma pessoa muito legal, isso mesmo. Eu o admirava profundamente. Ele estava sempre pronto para ajudar quem quer que fosse. Era engraçado, inteligente, enfim, boa pessoa. Sua figura física não era daquelas que as mulheres viviam suspirando, não, isso não. Damásio mais parecia um tísico, branco demais, nariz adunco, magro de ruim.

Bem, como sempre fazíamos em pescarias ou passeios em geral, lá estávamos voltando para casa já de noite, não tarde, talvez umas sete horas, hora em que o céu já está totalmente escuro no inverno. Eu, particularmente, não sou de sentir muito frio, mas por duas vezes, ainda quando estava claro, senti um calafrio esquisito. Dizem que as coisas trágicas, os acontecimentos de desastre, enfim as coisas do mal sempre avisam. A gente é que nunca tem olhos, nem ouvidos, nem entendimento para compreender. O carro enguiçou, aquela coisa chata de parar mesmo no meio da estrada, no meio do nada literalmente porque não havia um posto, uma casa, uma luz que não fosse a da lua e de umas poucas estrelas que brilhavam sem vontade, opacamente. Ao contrário de outras vezes em que sempre voltamos para casa animados e falantes, estávamos os dois quietos, estranhamente quietos.

Bom, fizemos o que foi possível para reanimar o carro. Nada. O que atrapalhava mais era a escuridão que começou a ficar densa. A lanterna? Você certamente perguntará, sim porque dois homens feitos que habitualmente conduzem carros à noite não podem se esquecer de tal item de segurança, como também ferramentas e outras coisas importantes que alguém de bom senso leva no carro quando se vai para outros lugares, ainda mais na montanha. Pois voltávamos de lá, da tal montanha e não achamos a lanterna. A estrada cheia de curvas. O fato é que estávamos os dois ali, na mais completa escuridão, com um carro que não funcionava. Nada havia a ser feito a não ser caminhar seguindo a estrada que tínhamos pela frente. Decidimos seguir a pé e fomos os dois. A escuridão era tamanha que eu mal enxergava meu amigo. Apenas se via a lua enorme, cheia, mas que estranhamente não radiava claridade alguma, ou era impedida por uma espécie de fog londrino. Nunca eu havia visto uma lua tão grande em noite tão escura.

Em determinado ponto, ele me chamou:

— Téó, eu preciso te contar uma coisa.

Confesso que estranhei a seriedade dele. E eu disse:

— Fale Damásio, estou bem aqui, apesar do negrume da noite.

— Téó, eu sou um lobisomem.

Aí não pude deixar de rir. Ri com gosto. Só ele mesmo para desfazer o mal-estar provocado pela escuridão e pelo aborrecimento de estarmos naquela situação. Ele não riu, bem, eu não o via, mas sabia pelo seu silêncio que ele estava sério. Entretanto, eu conhecia muito bem meu amigo, e este seu lado brincalhão e espirituoso era o que eu mais gostava nele. Ele era capaz de fazer brincadeira com a coisa mais séria do mundo sem ser inconveniente. Era fantástico. Eu não parava de rir. Era um acesso de risos desses em que a gente não consegue parar. Eu não tinha esse ataque há muitos anos e isso me fez muito bem. Ele esperou pacientemente que eu parasse de rir, ou que pelo menos fizesse uma pausa. Aí ele veio à carga:

— Téó, é sério, nunca falei tão sério em minha vida. Veja bem, eu jamais contaria isso se você não estivesse correndo risco de vida. E está agora. Olhe, eu vou contar tudo depois com calma. Você sabe que é meu melhor amigo, que eu nunca lhe faria algum mal, mas essa situação de hoje é atípica. Não deveríamos estar aqui, não agora, com essa lua cheia. Eu preciso que você corra o mais rápido que puder.

É claro que desabei no riso de novo. Eu só conseguia dizer:

— Pare, pare com isso que eu vou começar a passar mal.

E ele:

— Téó, eu juro, você acha que em situação normal eu contaria isso para você ou para qualquer outra pessoa? Quem iria acreditar? Ninguém! Nunca! Por que eu nunca contei? É por isso. Porque ninguém acredita. Mas eu não contava com isso, com nós dois nessa noite preta. Sabe, não é sempre toda noite de lua cheia que eu viro lobisomem, mas quando vou virar eu sei direitinho, eu sinto. Aí não respondo por mim, não sou mais eu. Eu tenho medo do que pode acontecer. Suma de mim!

Aí nesse momento ele gritou e estava bravo pra caramba. Eu comecei a estranhar. Também fiquei bravo:

— Chega dessa brincadeira sem graça. Nem sei quanto falta pra gente alcançar um lugar civilizado, com luz e tudo.

Mas desse momento em diante, caiu um silêncio sepulcral. Ele não falava nada. Está aborrecido porque eu fiquei bravo, pensei. Mas continuei andando. O mais estranho é que eu não ouvia nenhum passo a não ser o meu e a sensação de que ele tinha sumido era muito grande.

Aí chamei:

— Damásio, desculpe, mas você está me assustando. Fale alguma coisa.

E nada. Daí a pouco comecei a ouvir um barulho, parecia o som de pisadas ou de cavalgada de um animal pesado, como se fosse um porco grande ou um touro ou sei lá o quê. Instintivamente comecei a correr e o barulho aumentando, significando que fosse o que fosse já quase me alcançava. Desabalei. O pior é que não sabia por onde corria, se continuava na estrada ou não. A coisa piorou. Comecei a ouvir algo como um resfolegar, era de um bicho, aquilo não era humano. Eu corria feito um doido e rezava, logo eu que não era disso. De repente devo ter saído da estrada, senti um baque, tudo rodava. Juro que não sei o que aconteceu exatamente, se o bicho me pegou ou se eu rodei barranco abaixo. Desmaiei e não vi mais nada.

Só acordei no dia seguinte no hospital. O próprio Damásio e outros roceiros me encontraram caído e esfolado numa vala, coisa de cinco quilômetros longe do carro, isso ele contou para todos. Contou a versão dele, é claro. Disse que caminhávamos na escuridão e que eu de repente sumi, ou seja, que não respondi mais. Ele insistiu que gritou meu nome várias vezes, mas não teve alternativa senão esperar que clareasse o dia, pois a escuridão era medonha. Eu tinha arranhões feios nas costas que pareciam ter sido feitos por garras afiadas. Estava queimado pelo frio e esgotado. Sinceramente, não me lembro do que aconteceu quando caí ou quando fui derrubado. Quando minha mulher e meus amigos me perguntaram eu disse que não me lembrava de nada.

Damásio foi me visitar no hospital. Estava mais branco do que nunca e me olhava com pena. Não dei uma palavra sequer com ele. Todos perceberam que alguma coisa acontecera, mas eu é que não ia dizer e passar por trouxa ou maluco. Assim que tive alta tratei de me mudar com a família para bem longe. Mas antes fui procurar por um dos caboclos que estava presente quando me acharam desmaiado. Ele me contou que nunca vira nada igual, que o capim alto fora derrubado como se uma manada inteira estivesse desembestada pelo campo.

Nunca mais vi Damásio nem ouvi falar dele. Hoje revejo nosso passado e ligo muitos fatos que na época passaram despercebidos. Ele era um homem bizarro, tinha comportamentos esquisitos, mas daí a ... Bem, se ele era de fato um lobisomem não sei dizer, mas que aquela noite era de uma estranha lua cheia, isso era.

Minibiografia da autora:

Misa Ferreira nasceu em Itajubá (MG) em 1953. Bancária aposentada, descobriu o prazer de escrever contos e crônicas. Escreveu o livro “Demência: o resgate da ternura” e “Santas mentiras”. Atualmente escreve para o “Conexão Itajubá”, um jornal local, em que é articulista. **Contato:** misachief@gmail.com.

Patrocínio: Livro Destaque
www.livrodestaque.com.br



www.fabricadeebooks.com.br